ANÁLISE DA VARIABILIDADE MORFOLÓGICA DE *BOSMINA* SP. (BAIRD, 1845) UTILIZANDO MORFOMETRIA GEOMÉTRICA

Andrade, I.E.P.C.^{1*} & Elmoor-Loureiro, L.M.A.²

¹ Universidade Católica de Brasília (UCB), Campus Brasília, Laboratório de Biodiversidade Aquática.

² Universidade Católica de Brasília (UCB), Campus Brasília, Laboratório de Biodiversidade Aquática.

*Autores correspondentes: iepcandrade@gmail.com, elmoor.loureiro@gmail.com

Bosmina (*Bosmina*) *longirostris* (O.F. Muller, 1785) e *Bosmina* (*Bosmina*) *freyi* De Melo & Hebert, 1994, na América do Norte, são claramente distintas do ponto de vista molecular, mas com separação morfológica sutil. No Brasil, existem registros de ocorrência de ambas as espécies e as populações são atribuídas a um ou outro táxon com base, unicamente, na estrutura das espículas na base da garra pós-abdominal. O presente estudo faz parte de um conjunto de iniciativas que visa esclarecer a ocorrência do subgênero *Bosmina* no Brasil e teve como objetivo elucidar questões sobre sua variabilidade morfológica em relação aos distintos morfotipos do pecten de espículas encontrados nas populações brasileiras. Utilizou-se 210 indivíduos oriundos de sete amostras colhidas de diferentes regiões hidrográficas brasileiras (Distrito Federal, Minas Gerais, São Paulo e Tocantins). Lâminas individuais foram feitas e, para cada uma, foram capturadas múltiplas fotografias com focos em diferentes estruturas. Através do programa Helicon Focus, essas fotografias foram combinadas em uma única imagem para cada indivíduo. Com auxílio do Photoshop, as imagens foram dispostas numa mesma posição e, utilizando o tpsDig2, foram marcados os landmarks (vinte pontos), que foram a base da análise. Os arquivos de landmarks foram processados no software MorphoJ, onde gerou-se uma Análise de Componente Principal (PCA). As estruturas focadas nesse estudo foram a forma da carapaça, o mucro e a antênula. O resultado da PCA não permitiu diferenciar morfológicamente as populações amostradas, sendo as amostras de mesmo morfotipo de pecten não se agruparam. As diferentes condições ambientais parecem estar relacionadas ao polimorfismo, visto que uma amostra coletada em ambiente diferente das demais (um rio com baixa turbidez) não se agrupou com nenhuma outra. Este conjunto de dados não permite uma conclusão sobre o status das populações do subgênero *Bosmina* no Brasil, ao mesmo tempo que aponta para a necessidade de aprofundamento da análise morfológica com uso de caracteres mais finos, tais como a estrutura dos apêndices torácicos, ainda pouco investigados para este grupo de cladóceros.

Palavras-chave: Cladocera, morfometria geométrica, *Bosmina*, Crustacea.